

PROFESSORES E PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DE ARACAJU-SE FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE

MALE AND FEMALE SCIENCE TEACHERS FROM ARACAJU-SE FACING ISSUES CONCERNING HOMOSEXUALITY

Mônica Ismerim Barreto¹

Maria Inêz Oliveira Araujo²

¹Universidade Federal de Sergipe/monicaismerim@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe/ inezaraujo@uol.com.br

Resumo

A discussão sobre a sexualidade no ambiente escolar é geralmente permeada por medos e dúvidas, principalmente quando se trata da homossexualidade. O professor de Ciências é considerado o que tem o 'saber competente' para discutir esse tema. Porém, este não tem muitas vezes, esses temas contemplados na sua formação, e termina por discuti-los a partir do senso comum. Dessa forma, esse trabalho teve como objetivo analisar se professores e professoras de Ciências das escolas municipais de Aracaju-SE que participam do programa "Horas de Estudo" saberiam atuar de forma efetiva frente a esse tema. Para tanto, um questionário foi respondido por nove professores (as). Evidenciamos que o grupo pesquisado apresenta dificuldades no que se refere à forma de agir frente às agressões contra alunos tachados de homossexuais. Isso nos faz inferir que há necessidade de que tanto a formação inicial como a continuada contemplem aspectos ligados à sexualidade.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Formação de Professores; Homossexualidade.

Abstract

The discussion about sexuality in the school environment is usually permeated by fear and doubts, mainly when the issue is homosexuality. The Science teacher is considered to be the one who 'holds the appropriate knowledge' for discussing such a topic. However, discussions about this theme are not frequently approached during a teacher's training, and this professional ends up discussing it using common sense only. Therefore, this study had the objective of analyzing whether or not male and female Science teachers who work at schools in the municipality of Aracaju-SE and who participate in the program "Study Hours" would know how to act effectively when dealing with this theme. For such, a questionnaire was answered by nine male and female teachers. We noticed that the researched group presents difficulties as for taking action when so-called homosexual students are targets of aggression. It leads us to infer that there is a need to approach issues related to sexuality during the initial training of these teachers as well as during their continued education.

Keywords: Science Teaching; Teachers' Training; Homosexuality

INTRODUÇÃO

Como diz Montesquieu (1991), filósofo francês do século XVIII, julgamos os outros por nós mesmos, nos colocamos como padrão para avaliar o comportamento e as atitudes dos demais seres humanos. O ‘bom’ ou ‘mal’, o ‘certo’ ou ‘errado’, fazem parte da nossa vida, e usamos valores que aprendemos como ‘corretos’ para analisar a nós e aos outros. Aqueles que diferem do que consideramos ‘correto’, são mal vistos.

Mas como são formados esses valores? No contato com outros seres humanos. É no contato com o outro que nos educamos, como indica Freire (1987). É através desse contato que vamos aprendendo e formando nossos conceitos e valores, a partir dos quais iremos nos avaliar e julgar, além de estender tais apreciações aos outros. Ao entramos em contato com outros seres humanos, que fazem parte do nosso grupo social, aprendemos a identificar sinais, atitudes e códigos reconhecidos como dentro ou fora da norma, do aceito.

Nossos julgamentos são feitos baseados em um tipo padrão. Desviar-se desse modelo é ser objeto de críticas. Reprova-se o indivíduo que está acima do peso, que é magro, alto, baixo, ou ainda que apresenta uma das características mais condenadas – ser reconhecido como homossexual.

Não apresentar comportamento em conformidade com o sexo biológico, é percebido como uma das atitudes mais passíveis de exprobração, dentre aquelas desviantes da norma. Mas não apenas homossexuais são vítimas desse tipo de preconceito. Todos os que não se encaixam nos modelos de comportamento esperados para seu sexo biológico, ou seja, menino mais delicado ou menina sem vaidades, são percebidos como ‘desviantes’ do padrão, e passíveis assim de críticas.

Na escola, esses comportamentos ‘adequados’ são reforçados por professores, funcionários e colegas. A escola concentra assim, esforços para reproduzir o padrão de sexualidade considerado ‘normal nos seus alunos’. Aos que não se encaixam nesse padrão, os ‘excêntricos’, são reservadas “as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade” (LOURO, 2005 p. 44). Essas marcas são apontadas, colocadas em evidência, e os alunos ficam expostos às diversas formas de agressão, pelo simples fato de serem diferentes da norma. Se, como Reich (1977 p.248) diz, “a homossexualidade não é crime social, não prejudica ninguém”, por que tanta aversão e agressividade contra aqueles que transgridem as normas de gênero? E por que a escola, que deveria ser um ambiente de promoção da tolerância, permite que tais violências ocorram?

Temas ligados à sexualidade nunca foram tranquilos de serem compreendidos ou abordados, mesmo por aqueles que se interessam pelo assunto. Para professores e professoras, isso não é uma exceção. Os cursos de formação de professores, em sua quase totalidade, não abordam esse tema (FURLANI, 2003). E se a escola tem problemas no trato com temas ligados à sexualidade, quando o tema é ‘homossexualidade’ a polêmica é ainda maior.

A homofobia é muito presente no ambiente escolar. Castro, Abramovay e Silva (2004) relatam que jovens, ao serem questionados sobre quais pessoas eles não gostariam de ter como colega de classe, aproximadamente 1/4 dos alunos indicam que não gostariam de ter um colega homossexual. Esses alunos dizem não ter preconceito, contanto que o homossexual não se aproxime deles.

Em se tratando de professores, de acordo com uma pesquisa da UNESCO “Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam” (2004), 59,7%

dos que participaram da pesquisa, declararam que consideram inadmissível “Ter experiências homossexuais” (p.144) e 21,2 % afirmaram não desejar ter como vizinhos homossexuais.

Professores que consideram ‘inadmissível’ experiências homossexuais e não aceitam ter como vizinhos uma pessoa apenas pela orientação sexual dela, já demonstram intolerância e pré-conceito com os homoafetivos. A vivência da sexualidade não qualifica ou desqualifica uma pessoa, não retira dela suas características positivas, nem mesmo acrescenta qualquer ponto negativo. A não aceitação de práticas homossexuais indica como para esses profissionais é difícil até mesmo entender que existem outras formas de vivenciar a sexualidade além da heterossexualidade. Professores com esse tipo de pensamento podem incentivar ou, no mínimo, silenciar frente a atitudes homofóbicas na escola.

Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004) quando a homossexualidade é tratada de forma preconceituosa e discriminatória no ambiente escolar, pode levar o(a) aluno(a) ao abandono da escola, à interrupção da carreira, pois ele(a) pode sentir falta de pertencimento a esse lugar. Estas autoras ressaltam ainda que existe uma tendência dos professores(as) em banalizar as atitudes discriminatórias contra esses alunos, pois “consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos” (p.289).

Sobre o sexismo e a homofobia no ambiente escolar, Junqueira indica que estes:

produzem sofrimento e injustiça, uma vez que o preconceito – tanto racial como homossexual - afeta as relações sociais, pedagógicas, fatores de marginalização e exclusão de indivíduos. Colocam também em risco o direito à educação, por isso a escola não pode deixar de educar as crianças para o mundo. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO, 2008 p.1)

A educação tem, portanto, um papel importante na busca do respeito e aceitação da diversidade. Uma educação que prima pela diversidade não é excludente, não segrega, nem discrimina. Para que essa educação ocorra é necessário que professores e professoras reconheçam os campos preconceituosos de suas ações e a necessidade de uma construção de visão de mundo não excludente para poder atuar junto a essas diversidades. Devem desfazer estereótipos e mitos sobre os diversos. Compreender porque estes foram assim nominados, e perceber a riqueza que trazem para a escola.

Uma escola que promova a diversidade é fundamentalmente tolerante. Como indica Santos (2006), para Montesquieu ninguém nasce tolerante e acrescentamos também que as pessoas não nascem intolerantes. É através do contato com o outro, da instrução e da educação que os indivíduos podem se tornar tolerantes ou intolerantes a determinados fatos ou fenômenos. Assim, a educação tem, para esse filósofo francês, um papel fundamental na construção de um mundo mais tolerante. Educa-se para entender e aceitar o diverso, o diferente, e ao promover essa educação está se ensinando o valor da tolerância, do aceitar e ser aceito.

Considerando que um dos principais objetivos da educação sexual intencional¹ é permitir que as pessoas possam questionar os mitos, tabus e preconceitos que levam consigo, esta deve possibilitar a problematização de idéias, crenças e valores sobre as diversas formas de expressão da vida sexual.

¹ Essa educação compreende “as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1993 p. 155)

Mas quem são esses professores e professoras que tratam de temas ligados à sexualidade em sala de aula? Castro, Abramovay e Silva (2004) indicam que a sexualidade vem sendo tratada principalmente como “um conteúdo restrito ao campo disciplinar da biologia”. (p. 38) É o professor de Ciências que vai ser considerado o responsável pela discussão do tema, é ele que vai estar de posse do que estas autoras chamam de “saber competente” (p.38).

São os professores de Ciências, tradicionalmente, os que lecionam no 8º ano do ensino fundamental, os que têm a responsabilidade de trabalhar o tema ‘Reprodução’ em sala de aula. Para o grupo de Professores e Professoras participantes do Programa ‘Horas de Estudo’ no município de Aracaju, temas ligados à sexualidade foram debatidos em cursos oferecidos durante os encontros de formação continuada.

O conteúdo desses cursos deve ser orientado para suprir as necessidades que os educadores e educadoras possuem no seu cotidiano, ao tratar do tema. Essas necessidades podem estar relacionadas a vários aspectos, tais como: receio de como o assunto pode ser recebido por pais, alunos e demais segmentos da escola, ou até mesmo insegurança por não ter claras as formas como este pode ser abordado de forma efetiva em sala de aula. Estes assuntos podem se constituir em obstáculos para um desempenho satisfatório do(a) professor(a) em sala de aula.

Considerando que esses professores e professoras estarão na escola com alunos e alunas que podem ser percebidos como homossexuais e, conseqüentemente, sujeitos às práticas homofóbicas, surge o problema central dessa artigo, que compõe a dissertação de mestrado de uma das autoras desse trabalho: professores e professoras de Ciências do Município de Aracaju, que participam das ‘Horas de Estudo’ tem conhecimento sobre a forma mais adequada para atuar frente este tema em sala de aula?

É necessário portanto, que se realize uma investigação para conhecer se estes professores e professoras tem informação de como deveriam agir frente questões que envolvam a homossexualidade. Isto pode contribuir para reformulação de cursos de formação continuada, bem como propicia que atenda ou oriente as atividades acadêmico-científico-culturais previstas na Lei 02/2002 a qual institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. (BRASIL, 2002)

Assim, essa pesquisa tem como objetivo identificar se professores e professoras de Ciências das escolas municipais de Aracaju/SE que participam do programa “Horas de Estudo” saberiam que atitudes deveriam tomar frente a situações envolvendo a homossexualidade.

O CAMINHO PERCORRIDO

Para atender ao objetivo central desse trabalho, utilizamos a metodologia qualitativa.

Considerando que a pesquisa pretende investigar opiniões e atitudes dos(as) professores e professoras, optamos pelo questionário anônimo como instrumento de coleta de dados pelo fato de trabalharmos com um tema polêmico que possivelmente poderia gerar constrangimentos aos pesquisados no momento da exposição de valores muitas vezes fundamentados em preconceitos, fato esse que poderia ser minimizado pelo anonimato propiciado pelo questionário. Como forma de garantir o anonimato os questionários receberam uma numeração que foi utilizada na análise destes.

Para elaboração do nosso instrumento de coleta, tomamos como base o questionário utilizado por Forastieri (2004) na sua pesquisa sobre as “Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade das orientações sexuais”.

Após a análise e adaptação do questionário a nossa realidade, o mesmo foi submetido a avaliação de dois grupos de professores – um de professores de Ciências que não participam do Programa “Horas de Estudo”, e outro de professores de Português, que participam do referido programa - com o propósito de verificar coerência e clareza das perguntas bem como as dificuldades que poderiam apresentar as respostas.

Como resultado da validação, foi possível verificar que:

- a. Os professores de Ciências fizeram observações e sugestões de mudanças no texto, como por exemplo, recomendando que fosse deixado um espaço onde os professores pudessem fazer comentários e indicando a necessidade de mudar respostas objetivas que estavam pouco claras.
- b. Os professores de Português sugeriram mudanças nos enunciados de algumas questões objetivas, para que estes fossem melhor compreendidos além de propor mudanças na ordem de duas questões.

As sugestões foram acatadas, e o questionário modificado, ficou em sua versão final organizada em duas partes: uma inicial que forneceu os dados gerais e profissionais dos professores para caracterizar o grupo estudado, e uma segunda parte na qual se encontram as questões que enfocam os objetivos do trabalho.

A pesquisa foi realizada com oito professoras e um professor de Ciências do município de Aracaju que trabalham com o 8º ano, e participam do programa “Horas de Estudo” da Secretaria Municipal de Aracaju. Os professores participantes dessa pesquisa são graduados em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe, estão no exercício da profissão há mais de 10 anos têm entre 34 e 61 anos e freqüentam as “Horas de Estudo” a mais de 4 anos .

Dois professores (P.1 e P.6) relataram não ter recebido nenhuma formação (inicial ou continuada) para tratar do tema. Apenas um professor recebeu formação inicial sobre homossexualidade. Sete professores afirmaram ter recebido informação sobre o tema em processo de formação continuada.

COMO AGIRIAM

Nesse sentido, buscando analisar como os professores(as) participantes dessa pesquisa agiriam frente à homossexualidade na sala de aula, foram propostas três situações-problema.

Situação 01 *Se um aluno, em sala de aula, perguntasse “Professor, porque existem pessoas que são homossexuais?” O que você responderia?*

Uma professora não respondeu a essa pergunta. Dos oito que responderam, quatro utilizaram de explicações sobre as causas da homossexualidade, dois através das diferenças entre as pessoas e outros dois indicam que desenvolveriam o tema. (Tabela 1).

Tabela 1 – Explicação dos professores para a homossexualidade

Tipo de respostas	Professor(a)	Total
Com explicações sobre as causas da homossexualidade	P.1; P.4; P.6; P.8	4
Através das diferenças entre as pessoas	P.5; P.9	2
Desenvolvendo o tema.	P.3; P.7	2
Não respondeu	P.2	1

Os Professores 1, 4, 6 e 8, deram como respostas a essa questão possíveis causas para a homossexualidade.

“Depende de vários fatores e é necessário conhecer a realidade onde o homossexual convive e analisar o indivíduo com um ser único, com suas preferências, sensibilidade [...]” (grifos nossos) (P.8)

As explicações que envolvem uma variedade de fatores estão em consonância com o que diz El-Hani (1995), para quem as características de cunho comportamental seriam decorrentes da interação entre fatores biológicos e o ambiente físico e sociocultural.

As Professoras 5 e 9 indicaram como respostas as diferenças existentes entre as pessoas.

“Porque o mundo é feito de pessoas diferentes e se todas fossem iguais seria muito chato, o desejo das pessoas não é igual.” (P.9)

Tratar das diferenças, da diversidade e do pluralismo que existe na escola é uma forma de diminuir o preconceito, conforme nos atesta Junqueira (2006). De acordo com esse autor, é através da compreensão das diversidades que se combate estereótipos e preconceitos. Ela propicia o crescimento dos indivíduos de forma consciente e crítica, principalmente em relação a si mesmos.

Montesquieu, segundo Santos (2006) acreditava que a melhor forma de combater o preconceito seria o conhecimento de si e do outro. Para esse filósofo tal conhecimento ocorreria por meio da educação. Conhecer o outro, reconhecer que ele pensa diverso de si, mas não é inferior, que ele porta um valor diverso, mas não desigual, é importante para diminuir o preconceito e a discriminação.

Os Professores 3 e 7 indicaram que desenvolveriam o tema em sala de aula, conforme depoimento do professor 3:

“Falaria sobre orientação sexual” (P.3)

Nessa forma de agir, estes professores assinalam que falaria sobre orientação sexual, fato este que está de acordo com o que nos indica Reiss (1997). Para esse autor, o ensino sobre a variedade de orientações sexuais pode proporcionar aos alunos um maior conhecimento sobre o tema, podendo assim emitir opiniões mais fundamentadas sobre este, quando for necessário.

Situação 02. *Você já teve alunos ou alunas que por apresentarem comportamento atípico ao gênero (menina masculinizada ou menino efeminado) eram agredidos verbalmente pelos outros colegas?*

Como você reagiu (reagiria) se percebesse algum tipo de agressão verbal (chamar o aluno(a) de ‘viado’, ‘sapatão’, por exemplo) em sala?

Apenas um professor indicou que não teve contato com alunos/alunas que apresentavam comportamento atípico de gênero. Dos outros (oito) profissionais, cinco responderam que pediriam respeito ao colega e três que trabalhariam o tema em sala. (Tabela 2)

Tabela 2 – Como reagiriam à agressão contra um aluno tachado de homossexual

Respostas	Professor(a)	Total
Pediria respeito	P.1; P.2; P.5; P.6; P.9	5
Desenvolvendo o tema.	P.3; P.7; P.8	3
Não respondeu	P.4	1

Os Professores 1, 2, 5, 6 e 9, indicam que pediriam que os colegas tivessem respeito pelo(a) aluno(a) .

“Na época já estava com um discurso pronto e inflamado a respeito do respeito a todos, às diferenças e tal...no final o aluno me surpreendeu dizendo ‘não precisa falar nada não professora, já estou acostumado’, percebi a auto-estima lá embaixo, quando tentei conversar um pouco mais ele desconversou e eu respeitei.” (P.9)

Assim, antes que a professora pudesse tomar qualquer atitude em relação à turma, o aluno desincumbiu-a: ‘não precisa falar nada não professora, já estou acostumado’. Provavelmente esse aluno já tivesse compreendido que apenas pedir respeito, discursar sobre a importância de respeitar os outros não fosse eficiente, como indicam Colesante e Biggs (1999 apud FORASTIERI, 2004). O final da fala do aluno “já estou acostumado” revela a conformação a uma situação de agressão, como se esta não pudesse ser evitada.

Os alunos que sofrem cotidianamente humilhações e desqualificações, podem inclusive ter seu rendimento escolar prejudicado, conforme atesta Ferrari (2002). Assim, concordamos com Mott (2003a), Marinoble (1998) e Weiler (2007) que ressaltam a importância desse aluno ser protegido de agressões.

Apenas pedir respeito ao colega é uma forma simplista de terminar com o problema momentâneo, mas não produz efeitos mais eficientes, pois é apenas uma proibição, sem o devido esclarecimento. Para Ribeiro (1993) não se consegue mudar atitudes apenas com informação. É necessário chegar ao emocional, para que assim a transformação possa acontecer.

Os Professores 3, 7 e 8 indicaram que trabalhariam o tema em sala.

“O primeiro impulso foi defender ‘agressiva’. Depois parei o conteúdo da disciplina e contei um pouco da história da sexualidade (Grécia antiga/relacionamentos homossexuais) e após trabalhamos os conceitos (Picazio) e o texto ‘No país de Blowmink’. Depois de tudo fizemos uma atividade: construção de bonecos (menina e menino). O desfecho foi respeito e as agressões desapareceram.”(P.7)

Esse professor não se limitou a apenas pedir respeito ou fornecer informações corretas. O texto trabalhado, “No país de Blowmink”, é uma história de amor proibido entre um rapaz e uma moça. O motivo da proibição é que nesse país só se aceita o

relacionamento sexual afetivo entre pessoas do mesmo sexo, sendo vedado a pessoas de sexo oposto. Ao longo do texto Cláudio Picazio vai mostrando como é difícil para esses jovens esconderem o que sentem, bem como as agressões que o casal sofre quando é descoberto. As reações das famílias, dos colegas, da escola e como eles se sentem são detalhados de forma a levar os alunos a uma empatia com o casal.

O Professor 7 demonstra ter recebido formação específica para trabalhar o tema, pois o texto citado faz parte do material distribuído em um curso oferecido aos professores. A atuação deste professor frente a um problema de agressão em sala indica que, provavelmente por ter recebido formação específica, ele tenha conseguido abordar o tema de forma mais adequada.

Utilizar textos, promover debates em sala são algumas das atividades propostas por Colesante e Biggs (1999 apud FORASTIERI, 2004). Essa forma de trabalhar, onde o aluno é estimulado a se colocar no lugar do outro está em acordo com o pensamento de Montesquieu, para quem deve se entender o outro através da lógica do outro. É uma forma de pensar que está ligada à tolerância. Como indica Paulo Freire (2004 p. 24):

A tolerância genuína, por outro lado não exige de mim que concorde com aquele ou aquela a quem tolero ou também não me pede que a estime ou o estime. O que a tolerância autêntica demanda de mim é que *respeite* o diferente, seus sonhos, suas idéias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por me ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente.

Assim, para esse educador brasileiro é a tolerância que nos possibilita a aprender com os diversos. Ao entrar em contato com o outro, o diverso, de igual para igual, aprendemos a respeitá-lo.

A idéia de tolerância passa, portanto, necessariamente pela aceitação do outro, pelo exercício de sairmos do nosso conformismo em compreender o mundo através de nossa forma pessoal e limitada de ver, para procurarmos outros ângulos, outras possibilidades de entendimento.

Situação 03 *“Professor, preciso de sua ajuda, acho que sou homossexual.” O que você faria nesse contexto?*

Sobre essa questão. Quatro professores indicam que encaminhariam o aluno a outros profissionais, três procurariam entender por que o aluno acredita ser homossexual e dois conversariam com o aluno. (Tabela 3)

Tabela 3 – Como os professores reagiriam ao pedido de ajuda de um aluno que acredita ser homossexual

Respostas	Professor(a)	Total
Encaminharia a outros profissionais	P.1; P.4 P.6; P.8;	4
Procuraria entender por que o aluno acredita ser homossexual	P.3; P.7; P.9	3
Teria uma conversa	P.2; P.5	2

Os Professores 1, 4, 6 e 8 indicam que orientariam o aluno a procurar outros profissionais.

“Diria que não sou a pessoa mais indicada para responder sobre isso. Encaminharia a um profissional mais indicado.” (P.6)

Esses educadores assinalam que teriam uma atitude considerada inapropriada por Louro (2005): encaminhar o aluno para outros profissionais. Não se pode ignorar esses jovens, sob pena de causar dor e sofrimento a eles. Além disso, como indicam os PCN – Temas Transversais (BRASIL, 1998), a falta de acolhimento destes alunos por parte da escola é um dos fatores que provoca a saída deles do ambiente escolar.

Dessa forma, ao encaminhar o aluno a outro profissional, estes professores deixam de demonstrar apoio fundamental a ele. Indicam que nada podem fazer por esse aluno, deixando-o só, desamparado. É importante que o aluno tenha alguém como referencial na escola, um apoio, para que possa assim diminuir o isolamento que estes se encontram.

Os Professores 3, 7 e 9 indicam que conversariam com o aluno para tentar entender porque o mesmo acredita ser homossexual.

“Ainda em particular, e até quando ele quisesse, perguntaria o que o fazia pensar que ele era homossexual. Dependendo da resposta conduziria a conversa com esclarecimento do que seja homossexualidade e a realidade sobre o enfrentamento da sociedade.”
(P.7)

Esclarecer o aluno sobre o que é realmente a homossexualidade, saber se ele tem dúvidas em relação à sua orientação sexual é o encaminhamento indicado por Luiz Mott (2003a) para o jovem que acredita ser homossexual. Conforme nos indica Picazio (1998), ainda existe confusão entre atitude sexual e desejo sexual. Esse autor explica que uma relação entre pessoas do mesmo sexo não indica necessariamente homossexualidade. O que indica a homossexualidade não é a atitude sexual (coito), mas sim o objeto do desejo. Esclarecer essa diferença pode deixar o jovem mais seguro de sua orientação sexual.

Os professores 2 e 5 indicam que conversariam com o aluno. O Professor 5, por exemplo, indica que daria sua opinião:

“Se o aluno deu essa abertura para falar comigo sobre o assunto ele quer saber uma opinião: é algo que pode deixá-lo incomodado, pois gosta de pessoas do mesmo sexo? Se é anormal seu jeito de ser?”(grifo nosso) (P.5)

Ao responder essa pergunta esse professor usa termos, como ‘anormal’ que poderiam fazer com que um aluno homossexual se sentisse, como nos diz Louro (2005), ‘excêntrico’, ‘desviante’, pois está fora da norma heterossexual. A idéia de ‘anormal’ nos remete também a imagem de ‘diferente’.

Para o Professor 2 esse aluno deveria:

“[...] fazer uma reflexão se realmente isso era verdade e se for que procure viver seu estado, mas que viva com dignidade a fim de ser respeitado pela sociedade.” (grifo nosso). (P.2)

O conselho para que o aluno viva sua sexualidade de forma ‘digna’ traz consigo a idéia que ela pode ser vivida de uma forma ‘não digna’. E que é por não saber viver sua sexualidade de forma ‘digna’ que os homossexuais não são respeitados.

O que provavelmente está por trás dessa idéia de viver a homossexualidade com dignidade é a necessidade em se manter a mesma na ‘zona de silêncio’ – concede-se o direito da homossexualidade existir, porém ela não deve ser explícita, não deve

aparecer, conforme indica Louro (1997). Dessa forma procura-se tornar invisível aquilo que incomoda, que difere do que é a norma. Revela uma não aceitação da diversidade sexual, e essa não aceitação, em sala de aula pode implicar em um tratamento diferenciado ao aluno que se crê ser homossexual. Ele deve procurar não aparecer, não mostrar quem realmente é.

Mas essa forma de pensar diz de forma implícita que a homossexualidade é uma forma de amor errada, afinal não pode ser vivida abertamente, deve ser escondida. E o que pode pensar um adolescente homossexual submetido a esse tipo de informação? Para ele fica a idéia que sua forma de amar é, como definiu Oscar Wilde², “o amor que não ousa dizer o nome”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa constatou que os educadores pesquisados embora não se omitam quando confrontados com situações envolvendo a homossexualidade, o que é um fator positivo, em sua maioria, não tratam o tema de forma efetiva.

Quando foram apresentadas situações em que surge a oportunidade de desenvolver o tema em sala de aula, os (as) professores(as) não desenvolveram o tema. Mesmo na situação em que um aluno é agredido pelos colegas, a maioria dos educadores se limita a pedir respeito. Perdem assim a oportunidade de tratar do tema em um momento onde o esclarecimento sobre a variedade das orientações sexuais seria necessário.

Levando em consideração que os educadores sabiam estarem sendo avaliados nas suas respostas, não indicarem uma ação mais efetiva para tratar do tema aponta para um desconhecimento destes sobre a forma mais adequada de agir frente à homossexualidade. Identifica-se assim, uma lacuna na formação desses profissionais quanto à forma mais adequada de atuar em sala de aula em situações que envolvam o tema, de forma a contribuir para minimizar o preconceito e a homofobia no ambiente escolar.

Porém, alguns educadores indicaram reconhecer na situação apresentada o momento no qual o ensino sobre a diversidade das orientações sexuais seria a atitude adequada. A utilização de material fornecido durante formação continuada demonstra que esta pode auxiliar aos professores no trato com o tema.

Os professores em sua quase totalidade indicaram não apresentar formação inicial no tema. Considerando que nem todos os professores têm acesso à formação continuada, assinalamos a necessidade de que temas polêmicos, como os ligados à sexualidade sejam contemplados na formação inicial dos professores, para que estes possam ter mais segurança no trato com o mesmo.

Diante do apresentado, verificamos a necessidade de investir na formação do professor. Tanto a formação inicial com o a continuada, a formação docente precisa oferecer disciplinas/cursos que possam desencadear a consciência crítica dos educadores e estimule a busca do conhecimento articulado, capaz de reduzir os preconceitos. Devem assegurar a esses educadores condições de orientar seus alunos

² Frase cunhada por Lord Douglas e associada ao relacionamento homoafetivo entre dois homens por Oscar Wilde (MOTT. 20003b)

no sentido de assegurar sua presença na escola, propiciando condições para que este não se sinta diferente ou marginalizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2/2002**, de 19.02.2002. Institui a Carga Horária dos Cursos de Licenciatura de Graduação Plena, de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior. Brasília, 2002.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **A diversidade ensina e não é um problema**. Brasília: CNTE, 2008. Disponível em: < http://www.cnte.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=573&Itemid=82 >. Acesso em: 27 out. 2008.

EL-HANI, Charbel Niño. **O Insustentável Peso dos Genes**: a persistência do determinismo genético na mídia e na literatura científica. Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 1995.

FERRARI, Anderson. Contribuições teóricas para educação a partir do homoerotismo masculino. In: **A escrita de Adé**: perspectivas teóricas dos estudos gays. São Paulo, Xamã, 2002. p. 335-352.

FORASTIERI, Valter. **Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio sobre a variedade de Orientações sexuais** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Ensino de Ciências, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987. _____ . Da tolerância, uma das qualidades fundantes da vida democrática. In: _____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 23-24.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOURO, Guacira Lopes . **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: V; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 41-52.

MARINOBLE, Rita. M. Homosexuality: A Blind in the School Mirror. In: **Professional School Counseling**. Vol. 1, p. 4-7, fev. 1998.

MONTESQUIEU, Charles de Secondart. **Cartas Persas**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Paulicéia, 1991.

MOTT, Luiz. O jovem homossexual: noções básicas de direitos humanos para professores, professoras e para adolescentes gays, lésbicas e transgêneros. In: **Revista do Mestrado em Educação**. UFS, v.7, p. 95-102, jul./dez. 2003a.

_____. **Crônicas de um Gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003b.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. Tradução: Ary Blaustein. São Paulo: Zahar, 1977.

REISS, Michel J. Teaching About Homosexuality and heterosexuality. In: **Journal of Moral Education**, 26(3) 1997. p. 343-352.

RIBEIRO, Marcos. (org). Educação sexual nas turmas de segundo grau. In: _____. **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.185-190.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **A Via de Mão Dupla**: tolerância e política em Montesquieu. Ijuí: Ed. Unijuí; Sergipe: ADUFS, 2006.

UNESCO, **Perfil dos Professores Brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

WEILER, Erica. Safe and Affirmative Schools for Sexual Minority Youth. In: **NASP Comunicado**, Vol. 35, n. 5, 2007. Disponível em: <<http://www.nasponline.org/publications/cq/mocq355smy.asp>>. Acesso em 17 jan 2009.

WEREBE, Maria José. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.